

C. M. B.
BibliotecaC. M. B.
BIBLIOTECA

BOLETIM SOCIAL

DE TRABALHADORES DA TEBE PARA TRABALHADORES

Director Honorário: MÁRIO CAMPOS HENRIQUES

Redacção e Administração: Tipografia «Vitória»

Composto e Impresso na Tipografia «VITÓRIA» — BARCELOS

Editor: João Baptista Cândido da Silva

Director e Administrador: ANTÓNIO BAPTISTA

Redactores: Joaquim Rodrigues e Eduardo A. da Silva

NOBRES FIGURAS FEMININAS

Por MARIA MATILDE

ERA uma vez... Em 1820 os abastados senhores Nightingale, vivendo então em Florença, tiveram a alegria de ver a família aumentada com o nascimento da segunda filha, — a quem puseram o nome de Florence.

Esmerou-se o casal na educação de suas filhas, e qualquer delas recebeu uma instrução bem acima da média, em relação à época.

Florence desde muito pequena manifestou o desejo de suavizar o sofrimento alheio — chegando até a tratar dos animais quando não podia cuidar das pessoas! Desde cedo mostrou grande interesse pelas instituições hospitalares, e aos 20 anos pediu licença aos pais para aprender enfermagem. Acontecia porém que esta profissão estava pouco desenvolvida, e por isso mesmo, pouco considerada. Assim os senhores Nightingale acharam deprimente para a sua elevada posição social, e recusaram.

Florence não desistiu... Sentia-se chamada para essa vida! Pacientemente esperou pelos 30 anos, e conseguiu então a sua independência. Partiu para a Alemanha, onde graças a outra mulher corajosa — Frederica Fliedner — a enfermagem estava mais adiantada.

Seguiu lá um duríssimo treino — houve quem duvidasse que pudesse aguentar — mas persistiu até ao fim, seguindo depois para Paris, onde aprendeu imenso com as Irmãs da Caridade.

Mal voltou a Inglaterra, soube em que terríveis condições eram tratados os feridos de guerra da Crimeia. Sentiu-se precisa ali, e ofereceu os seus serviços ao Secretário da Guerra — e a carta que levava a proposta cruzou-se com outra daquele senhor, pedindo-lhe para ir para a Crimeia...

Começou nessa altura a fase mais conhecida da sua vida. Quando chegou tudo era horrível: falta de asseio, os feridos deita-

dos com as fardas, pois nem roupa de cama tinham, camas péssimas — quando as havia — muitos morriam pelo chão; comida intragável, e sobretudo enorme sofrimento e desmoralização. A pouco e pouco — e muito prudentemente, pois que muitos médicos não viam necessidade da sua presença — tudo foi reformando, melhorando. Dentro de algum tempo todos a consideravam indispensável... Daí ficou conhecida como figura quase lendária: era o anjo da Crimeia, o anjo branco, ou a senhora da lâmpada — por percorrer de noite as enfermarias com uma candeia na mão, confortando todos com o seu sorriso calmo, por mais extenuante que tivesse sido o dia...

A guerra acabou. No meio dos combatentes, vinha uma heroína da paz! Quiseram homenageá-la, e lembraram-se de fundar uma escola de enfermagem. A sua acção tinha-se tornado tão conhecida, que todos corresponderam com generosidade grande, e em 1860 abriu a escola de St. James Hospital, sendo Florence a orientadora. Com este exemplo, outras foram abrindo em Inglaterra; nos Estados Unidos, rapidamente teve eco o movimento, que depois se espalhou pelo resto da Europa.

E... durante 50 anos mais, trabalhou infatigavelmente; estudou; escreveu as suas «notas sobre enfermagem»; relacionada com a Rainha e ministros, aproveitou-se dessas relações para impulsionar a sua obra; organizou programas educativos e recreativos para os soldados — a quem chamava os seus filhos; e lutou também pela igualdade de direitos da mulher numa época em que poucos pensavam nisso!

Morreu com 90 anos. Simples e despretensiosa em vida, simples quis continuar na morte: mandou que a enterrassem numa campa rasa, com uma cruz singela!

(Continue na página dois)

Natal

*Recordo, no silêncio, a minha mocidade
E vivo no presente, envolto de saudade,
As horas que sonhei... dispersas p'ra meu mal...
E volto os meus sentidos p'ra noite de Natal...
À lareira, bem juntos, unidos pelo amor...
Erguíamos ao Céu as graças do Senhor...
Tudo tão simples... tudo era amor... harmonia...
E a neve, a neve branca, lentamente caía,
Numa canção plangente de graça e de frescor...
E no dia seguinte, a neve, era calor...
Faziam-se esculturas de graça e perfeição,
E nós, tão inocentes, suspensos de emoção,
Pensávamos que o mundo era todo bondade...
E ríamos felizes, suspensos na verdade
Que a neve nos trazia, que a neve nos ditava...
Dia de Natal!
Luz!
Paz!
Oh! Ninguém soltava o grito da revolta...
o grito da ameaça...
Não se ouviam os canhões... brincava-se na praça...
Trocavam-se impressões dos pobres sem ventura,
Sem pão e sem carinho, sem lume e sem ternura...
E o frio gela e corta e tudo se agasalha...
Um pequenito passa, descalço... Deus me valha!
Era o Zé da Ti Laura — não tinha pai nem mãe,
Era só... tão sozinho, não tendo mais ninguém.
E o Zé, o pobre Zé, descalço, pela neve,
Ai! quase não marcava seus passos de tão leve.
Ó dia de Natal! Dia de paz, d'amor,
Dia grande, meu Deus! E o pobre Zé?... Senhor!
Descalço continua olhando para vós,
Erguendo certamente seus lábios d'oração...
O Zé ceou connosco, comeu do nosso pão
e rezou... rezou bastante com lágrimas na voz!...
Noite de Natal...
Luz...
Paz...
Oh! Ninguém soltou o grito da revolta...
o grito da ameaça...
E a neve, a neve branca cobria toda a praça...*

ANTÓNIO BAPTISTA

O Traje Minhoto

(Continuação do número 64)

Trajes de Braga

Traje do Vale do Cávado

FOI usado até ao começo deste século em diferentes terras do Minho, mas teve preponderância no Vale do Cávado, donde tomou o nome e está a ser considerado como Traje de Braga nas representações regionais. Embora bastante bonito, com belíssima apresentação, no meu entender, está a fugir um bocadinho para o ballet, todavia isso não desprestigia em nada o grupo. Todavia, não podemos considerá-lo, estritamente, etnográfico.

Compõe-se de:

Lenço branco, em cambraia ou tule bordado, cujas pontas se prendem ou atam sobre o colo;

Camisa de linho, bordada a branco no peito, ombros e punhos com grande gola de rendas;

Colete de tecidos, de cor ou linho, bordado a cordões ou lãs com grandes decotes de «rabos»;

Capotilha, em vermelho vivo para as moças, ou azul escuro ou preto, para as casadas, guarnecido de veludo, cordões, cetim ou vidrilhos, com grandes pontas que cruzando sobre o peito, iam atar ou prender nas ancas;

Saia de Baetilha, preta, com grande roda, guarnecida de veludo liso ou lavrado, fitas cetins e vidrilhos luarentos;

Avental, tecido em cores vivas, com tirados de lã, debruado a veludo;

Lenço de «Pedidos», na cintura fartamente marcado a ponto de cruz, com quadras ou frases amorosas;

Meias, brancas, rendadas em linho ou algodão. Usaram-se, também, meias riscadas a branco e vermelho;

Chinelas, pretas pespontadas a branco;

Argolas, nas orelhas e abundância de ouro no peito.

Traje Masculino

Chapéu, braguês debruado a veludo;

Camisa, de linho, sem volta, de bico quebrado, peito bordado a vermelho e branco;

Jaqueta, de peluche ou ratina azul, com gola de veludo e alamares;

Faixa, de três metros em lã preta, azul ou vermelha;

Calça, preta, fustão ou de linho cru;

Sapato, de vitela, de salto e prateleira.

Traje de Sequeira

Usado nesta freguesia do Concelho de Braga e circunvizinhas, até ao começo do século actual.

Compunha-se de pequeno chapéu acartonado, em feltro preto guarnecido com fita de veludo cujas pontas pendiam para a nuca, e pequeno espelinho na frente, com pluma preta ao lado.

Lenço, branco em cambraia, de pontas pendentes;

Camisa, de linho bordada nas mangas, ombros e peito, a linha preta e vermelha;

Colete, de tecido preto, guarnecido de vidrilhos nas costas, a compor o busto;

Saia, de baetilha preta com grande roda guarnecida de barra de veludo e vidrilhos;

Avental, tecido em casa, em algodão de cores, com tirados em lãs;

Algibeira, em tecido de cor guarnecida a lãs, com lencinho branco bordado num canto;

Meias, rendadas, em linho ou algodão branco;

Chinelas, pretas pespontadas a branco;

Brincos ou Argolas, nas orelhas, e cordões, contas, corações e outras peças de ouro sobre o peito.

Traje da Ribeira

MASCULINO

Lenço, de seda, franjado, atado em volta do pescoço, vermelho, amarelo ou laranja;

Jaqueta, preta, fustão com peles, cetim e vidrilhos.

FEMININO

Lenço, de seda, de cor garri-da, com franja;

Lenço de Peito, com ramagens, fundo azul, vermelho ou amarelo, com franja;

Avental, tecido, e em que predomina o vermelho, rosa, amarelo, debruado a veludo;

Lenço de «Pedidos», marcado a vermelho e preto;

Saia, de baetilha preta.

Traje de Encoste

Lenço, de cambraia, ou de seda, em cor amarela;

Jaqueta, preta com veludo, cetim e vidrilhos;

Avental, preto com veludo, cetim e vidrilhos;

Saia, preta com veludo, cetim e vidrilhos;

Lenço de «Pedidos», cravado na cinta.

Traje de Guimarães

Trajes em desuso, princípios do

Século XIX

Todos estes trajes que passo a mencionar do Concelho de Guimarães, são, no meu entender, uns dos mais simples e interessantes que temos. A sua simplicidade e graciosidade ao mesmo tempo muito contribui para serem sempre muito desejados aos certames que se realizam.

Trajes de Luxo

Fato usado pelas Morgadas, isto é, pelas filhas dos lavradores ricos.

É composto das seguintes peças:

Saia, branca interior, de estopa caseira, com barra de folhos de linho, da terra;

Saia, branca de cima em linho fino da terra, com roda-friso bordado a ponto de crivo antigo a fio de algodão, com entremeio e barra de flores, estelizadas, cercadura e abertos em estrela;

Saia de Fora, de merino preto lavrado, debruado a fitilho com barra e sobre-barra, em folhos do mesmo tecido. Saia pregueada;

Jaqueta, de seda preta lavrada, salpicada de raminhos bordados a fio de prata, franjas de fioco de torçal. Guarnições de soquete. Aperta com fivelas;

Manteleta, de piqué preto bordado a vidrilhos, guarnecido a rendas pretas de bilros, do Minho, franjas de marabú. Os bordados representam flores estelizadas com folhas em canudilhos, debrum de sutache e cordão de pelo de rato. As rendas ainda são valorizadas com aplicações de vidrilhos. É de notar o corte da manteleta, transição para a capa, bem como o corte das mangas em quimono (quimão);

Mantilha, em renda de agulha, a fio de algodão;

Bolsa, de veludo bordada a vidrilhos;

Ouro, peças da época.

Este traje é puramente regional, mas em desuso.

Traje Domingueiro

É constituído das seguintes peças:

Saias Brancas, de linho fino da terra com roda-friso bordada a ponto cheio, antigo, com flores estelizadas, ilhós sombreados, debruada a ponto lançado;

Saia, de fora, de merino preto lavrado com gregas, saia plissada;

Jaquetão, de sarja de lã preta com botões de vidro com motivos vegetais gravados;

Capa, de pano cetim, com estola, debruada a fitilho e guarnecida a faixas (barras estreitas) de veludo. Mangas de «quimão» (quimono). Botões forrados do

mesmo tecido e no centro a veludo bordado e em relevo. Aperta com fivelas (fivelas).

Mantilha, de cambraia bordada a cheio;

Guarda-Chuva, da época;

Meias, de renda de agulha em algodão branco;

Chinelas, de verniz preto;

Ouro, peças da época.

Traje de Luxo (Casal)

ELA

Camisa, de linho da terra com boleados bordados a ponto cheio com ilhós sombreados;

Colete, de rabichos com fita em conchas e bordados;

Saia, de fora, de baeta crepe, enfeitada a vidrilhos com barra de veludo lavrado;

Casaca, ou jaqueta em fazenda preta lavrada e bordada a vidrilhos com cercadura de pele e botões de metal com ramagens;

Avental, de veludo preto bordado a vidrilhos e barra de penas;

Meias, de renda, trabalho regional;

Chinelas, de verniz preto;

Algibeira, fitada e bordada a lentejoulas;

Lenço de «Pedidos», bordado a ponto de cruz;

Cachené, de seda natural creme com ramagens.

No cabelo e por debaixo do cachiné uma renda de algodão preto, bordada a contas de cor, levando em cima uma cercadura com as iniciais da portadora. Leva, também, por debaixo da jaqueta um lenço de ramagens.

ELE

Calça, de gorgórina preta de fantasia lavrada;

Colete, em pele;

Camisa, de linho da terra bordado a cheio a ponto de morção e abertos;

Faixa, em lã preta com cinco metros;

Jaqueta, de bombazina azul da Prússia com alamares de prata;

Lenço de «Pedidos», em linho caseiro bordado a ponto de cruz;

Chapéu, varino de feltro preto. Junco guarnecido a metal amarelo.

Traje Domingueiro

ELA

Camisa, de linho da terra com boleados bordados a ponto de morção e a cheio com abertos, estendendo-se o bordado até aos

ANO NOVO

LEVANTAM-SE taças, erguem-se os braços, ouvem-se repiques de sinos e o som de alarme das sereias converte-se em toada de alegria para saudar o Novo Ano que desponta...

O Ano Novo é recebido com alegria por jovens e anciãos: uns esperam felicidades, outros agradecem a ventura de terem vencido, mais uma vez ainda, os doze meses de alegrias, de tristezas, de pesadelos, de doenças e de angústias e carinhos ou de desprezos daqueles, por quem perderam a alegria e a frescura da mocidade. Saudam o Ano Novo porque o pobre coração humano enquanto palpita, embala pequeninos seres que se aconchegam e aninham nas almas, ainda que esmagados e escoraçados para os recônditos mais profundos, mas sempre prontos a aflorar à superfície que são as ilusões e a esperança.

Ai, se não fosse a esperança, que seria dos sem ventura, sem pão ou sem abrigo?, que seria dos doentes, dos aleijados, dos estropiados, dos que sofrem injúrias e injustiças, dos que andam na vida aos tropeções, dos que perderam as crenças, ou dos que arrependidos imploram perdão?...

O Ano Novo é um farol a iluminar e encher de luz os velhos caminhos, a rasgar as trevas das noites tempestuosas, a inundar de claridade uma nova madrugada em cada vida. Os homens sentem como necessidade premente, ao fim de 365 dias, recomeçar a viver, insuflar de energias os braços cansados, erguer os corações esmorecidos, levantar altiva-

ombros. Mangas rendadas em trabalho da região;

Saia, de linho da terra com rendas e entremeios;

Colete de rabichos, com fitas em concha e bordados;

Saia, de fora, de fazenda preta com barra de veludo lavrado, debruada a flocos de cetim;

Avental, montez;

Meias, de renda em trabalho da região;

Chinelas, de verniz preto bordadas a cor e com laço;

Algibeira, com fitas bordadas a lentejoulas;

Lenço, de ramagens, do pescoço;

Lenço de « Pedidos », bordados a ponto de cruz.

(Continua) *Mãe*

OBS. — Rectificamos as gralhas seguintes: lentejoulas-e-tira o ementa, quando devia ser, respectivamente, lentejoulas e tira ou ementa, do número anterior.

mente a cabeça e, uma vez mais, lutar para viver. A vida é uma luta constante do homem com o ambiente natural, que o cerca, e com os outros homens, que o rodeiam, prontos a vencê-lo ou a erguê-lo, em triunfo, prontos a admirá-lo ou, no mesmo instante, a arrastá-lo pelo chão conspurcado de calúnias...

Em cada ano que surge, o homem deve voltar, de novo, ao campo de batalha, com a armadura reluzente e as armas mais corrigidas e aptas para a luta que vai recomeçar... Porém a batalha mais difícil de vencer e para a qual raramente se preparam as armas é a de cada um se vencer a si próprio: vencer os seus egoísmos, vencer e dominar as ambições desmedidas, vencer os vícios que degradam, vencer o medo, vencer as vaidades loucas, vencer as invejas mesquinhas que toldam o olhar e carregam de sombra as almas.

Ai como seria feliz a humanidade se o tempo que perde a criticar os semelhantes fosse aproveitado por cada um a conhecer os seus defeitos, a medi-los e a pesá-los na ânsia de os ver diminuir ou tornarem-se um fardo mais leve.

Saúda-se o Ano Novo com alegria como se do facto de a Terra iniciar, mais uma vez, a elipse descrita em torno do Sol fosse o princípio de uma era diferente para a humanidade que é arrastada na velocidade vertiginosa através dos espaços siderais.

As leis da física regem o movimento dos astros e de todos os corpos mas são impotentes para dirigirem o ritmo incerto do pulsar dos corações, ora agitados por tempestades íntimas, ora batendo regularmente em horas de calma. Todos os corpos estão sujeitos a essas leis imutáveis, constantes e irrevogáveis só a alma é livre para dirigir os passos do homem para a felicidade ou para a desgraça, pois, vezes sem conta, nós próprios somos os obreiros dos nossos dias bons ou das nossas horas de angústia.

Ao começar um Novo Ano, cada um, num breve instante de meditação, deve ter a consciência bem profunda de que é verdadeiramente livre para nortear a sua vida para o Bem ou para o Mal. Os anos anteriores não têm culpa dos passos mal dados mas que um Ano que começa seja uma clareira de sol donde, refeitas as forças e cheia de nova fé a alma desiludida, se possa partir seguro para enfrentar os perigos e as tentações que perturbam a verdadeira felicidade: a paz da consciência!...

Dr. Valentim de Almeida e Sousa

JUSTA HOMENAGEM

No passado sábado, dia 10, o Sr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa viveu certamente um dos dias mais altos da sua vida, na sinceridade de uma homenagem.

Para esse fim reuniram-se no Instituto Nacional de Trabalho e Previdência deputações de todo o Distrito de Braga, que desejaram prestar-lhe a sua homenagem e estima.



Mais tarde num almoço, a que assistiu bastante gente, trocaram-se brindes pondo em destaque as altas qualidades do homenageado.

«Boletim Social da TEBE» envia o seu cartão de felicitações.

Dr. António Reis

Enviamos-lhe um abraço muito sincero desejando-lhe, no Porto, uma vida cheia de prosperidade e compreensão.



O Drama-Opereta

«O Berço do Salvador»

No dia 27 de Dezembro, o grupo cénico da Casa do Povo de Barcelinhos exibiu no Teatro Gil Vicente este lindo drama.

Baseado na vinda do Deus-Menino ao mundo ele foi representado por um conjunto de mais de 60 figurantes que envergaram os trajes próprios da época de há 2.000 mil.

De surpreendente efeito e boa encenação, distinguiram-se os coros musicais.

USE SÓ MALHAS TEBE



INFANTE D. HENRIQUE

Secção Desportiva

COLUMBOFILIA

História do Pombo Correio

É o título do artigo que vamos publicar para propaganda desta modalidade, extraído da «Revista Pombos Correios», de M. Leão Maia, da C. C. D. S.

Por **FREMANDO**

CAPÍTULO I

Demonstrar quanto vale o pombo correio é trabalho bastante difícil por dois motivos: primeiro, porque são já tantas as provas dadas por ele, desde que existe, em todos os tempos e em todas as emergências que não seria fácil obter ou elaborar lista completa dos seus feitos gloriosos ou das suas façanhas utilitárias em todos os sectores de actividade que dele se têm servido; depois, ainda que muito se tenha já conseguido, as suas proezas são, por vezes, de tal ordem, que nos levam a crer que ainda não será por aqui que ficará a capacidade de tão pequeno como inteligente animal e essa convicção, só por si, não permite uma demonstração cabal e completa, porque ela só o seria quando soubéssemos qual a proeza máxima de que é capaz.

Porém, não é nosso fim meter ombros a tal empresa; unicamente queremos enumerar alguns factos de realidade incontestável para que, aqueles que só conhecem o pombo pela lembrança de ser *saboroso* rodeado de ervilhas tenras ou de arroz, fiquem sabendo também que, na mesma espécie, existe uma variedade digna da sua admiração e do seu reconhecimento, quanto mais não seja, só pelo número de vidas humanas que tem já evitado que se percam inglòriamente, não falando nas vezes que tem sido precioso auxiliar de negócios comerciais ou da vida privada, e pelo agradável passatempo que proporciona a sua criação e treino, em tempo de paz ou de quietação de negócios.

Abstraindo, pois, da enumeração de casos da vida particular ou comercial para cuja prosperidade ou riqueza tem contribuído de forma a impor admiração pela raça a que pertence, citaremos a seguir alguns factos já do conhecimento de todos os amadores columbófilos existentes, mas que nunca é demais repetir, não para estes que cuidam dos pombos como eles merecem, mas unicamente para aqueles que, por acaso, hoje só, deles tomem conhecimento, vejam o que a natureza e trabalho do Homem produziram e põem

ao seu alcance para seu serviço, passatempo e (quem sabe?) talvez, segurança.

É impossível dizer desde quando data a utilização do pombo como mensageiro. Encontram-se provas de se utilizarem pombos para com eles se darem notícias a distância, desde a mais remota antiguidade.

No próximo número: A POMBA DE NOÉ.

*

Tendo-se realizado no dia 18 p. p. a Assembleia Geral para eleição dos corpos gerentes para o biénio de 1958/60, da Sociedade Columbófila Barcelense, foram eleitos os seguintes Srs.:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente, Armindo Torres Matos e Secretário, António Figueiredo da Silva.

DIRECÇÃO

Presidente, Hernâni Costa Santos; Secretário, Manuel Correia da Silva e Tesoureiro, Manfredo Arnaldo C. Silva.

CONSELHO FISCAL

Presidente, Jorge Silva Nunes e Secretário, António de Araújo Ferreira.

CONSELHO TÉCNICO

Comulativamente desempenham estas funções o Presidente da Assembleia Geral e os componentes do Conselho Fiscal.

*

Realizando-se em Braga no dia 2/11/1958 a Assembleia Geral da Comissão Distrital de Columbofilia para eleição dos corpos gerentes do biénio de 1958/60, com a presença dos delegados de Braga, Barcelos, Guimarães, Fafe e Famalicão, foi eleito para o lugar de Tesoureiro desta Comissão Distrital o nosso prestimoso Presidente Sr. Hernâni Costa Santos.

No próximo número daremos a relação dos restantes membros desta Comissão Distrital.

*

A Direcção desta Sociedade participa a todos os sócios concorrentes que a campanha de 1959 tem início no dia 25 de Janeiro e pede a todos para comparecerem na Sede no próximo dia 18, pelas 10 horas da manhã, para tomarem conhecimento do calendário e regulamentação da campanha.

A Direcção

Aspectos do futebol Barcelense

Por **ADRIANO FARIA**

A actividade do Gil Vicente na presente temporada tem sido bastante confrangedora. Uma equipa que nas épocas anteriores deu cartaz, chegando ao ponto de merecer da crítica os melhores elogios como uma das mais regulares e atingindo lugares de honra na classificação final, caiu actualmente no lote dos «aflictivos».

A nova regulamentação da prova desfavorece completamente os dois últimos classificados para o abaixamento de categoria, e, isto é um papão que amedronta cada vez mais as equipas menos preparadas.

Não descremos das possibilidades do nosso grupo representativo, porquanto que, se ainda conserva em abono de si próprio, a recordação das suas carreiras dignas de realce, isso será um incentivo a reviver nos atletas o espírito de luta para a recuperação de um lugar livre de perigo.

É-nos bem patente o esforço que os dirigentes têm realizado para que a equipa satisfaça plenamente as exigências da massa associativa e do público em geral, mas ainda não foram felizes nas pretensões. Claro que muitas aquisições de jogadores se têm feito, mas nem todas foram felizes quanto à qualidade obtida.

Por outro lado, o conjunto não foi ainda apresentado com uma formação certa e definitiva, — o que cai mal ao público —, parecendo que se pretende escolher ou adivinhar lugares para os jogadores. Daqui concluímos que o futebol desenvolvido pelo Gil Vicente, não tem sido coroado do brilho que é necessário para entusiasmar o público, nem os resultados obtidos foram de molde a satisfazer.

Conhecemos algumas das qualidades dos jogadores de que dispõe a equipa e o rendimento que podem dar para o conjunto. Falta alguma coisa que os agrupe e consiga depois incutir no atleta a verdadeira noção da sua presença no campo como elemento duma equipa que tem de ser homogénea.

Há jogadores que se esquecem por completo de que têm o seu lugar determinado, mas remam no mar imenso do terreno com o leme partido, não só a facilitarem a acção livre do adversário, mas, as mais das vezes, a prejudicarem os próprios colegas ou a falharem no seu lugar no derradeiro momento que a sua intervenção seria a recompensa final.

Estas anomalias que estes primeiros jogos nos apresentaram, estamos certos que serão remediadas e que o Gil Vicente fugirá à situação aflitiva do presente momento, para satisfação do público Barcelense e para garantia da sua presença futura na Divisão secundária.

DIZ-SE por aí: — fulano ou sicrano jogam sem vontade; o grupo não mostra espírito de luta, etc... Não! Não estou convencido de tal. Não me parece que um atleta auferindo o seu ordenado, com prémios de vitórias, etc., não demonstre interesse, o mesmo se diga do conjunto, em geral. Há, verdade seja, tardes em que nem tudo corre como se pretende e, jogada falhada, assunto arrumado.

Muitas vezes falta à equipa um pouco de brio, mas pode ser devido somente a desmoralização. Um grupo que perde um encontro que previa como vitória certa, que vê as suas balizas alvejadas primeiro quando o domínio da partida lhe pertence, pode de facto desmoralizar-se.

Compete a dirigentes e técnico afastar essa desmoralização para obterem da equipa o rendimento devido. Se esta desmoralização tiver sido nos primeiros quarenta e cinco minutos, ocasião propícia será o intervalo para o conforto a incutir à equipa e exigir dela um esforço titânico para a parte final.

SEMPRE que uma equipa necessita do apoio da massa associativa, nunca este lhe advém. Isto acontece com o Gil Vicente, o mesmo que sucede a qualquer clube mesmo de maior categoria.

Não me quero presentemente referir ao apoio material, mas sim ao moral.

Tenho reparado que, quanto mais é animada e incitada a equipa, mais garra se verifica nos jogadores e, mais brilhante se torna o espectáculo.

Infelizmente e mais frequentemente se dá o contrário. Posso até mesmo garantir isso ao público de Barcelos. Entra o grupo em campo e lá vai! Palmas... Palmas... Gritos de Gil... Gil... e veio a morte!!!

No mais profundo silêncio lutam os jogadores animados ainda por aqueles gritos já apagados e de momento... um golo. As almas e corpos se erguem em alvoroço, gritos e mais gritos, bandeiras a destraldar de alegria, casacos e chapéus pelos ares. Enfim! Uma festa.

Mas, ó Céus!!! Se o golo foi obra do adversário, eis a desolação!... Parece que as nuvens se rasgaram e a água em catadupas veio regelar os espíritos. Miséria!... Gente de pouca fé!

Se é que são verdadeiros desportistas e adeptos de gana, não é assim que se pratica.

Se a equipa está inferiorizada, não queirais concorrer para a sua desmoralização ou ruína.

Levantai-vos antes numa só voz e mostrai que nos vossos peitos flamejais de amor pelo clube.

Gritai, sim, com entusiasmo, não só quando a equipa vence, mas antes procurai moralizá-la quando ela se encontra diminuída pelo adversário, para que ela recupere as energias suficientes para lutar desabridamente até ao último recurso para o prémio da vitória.

Se assim for, então vos podereis intitular de verdadeiros desportistas e, se o contrário fizerdes, sereis traidores de vós próprios e do clube, abraçando com os vossos aplausos um adversário que em mente repudiais.

A ver vamos, de futuro.

Nas épocas anteriores a afluência de público ao campo Ribeiro Novo, era muito maior que presentemente.

Pode haver causa que justifique tal procedimento dos assistentes. Será talvez a posição presente da equipa nos lugares finais da tabela, ou as fracas exhibições globais do conjunto. Seja o que for, não me parece razão suficiente para que de um momento para o outro um adepto ferrenho do futebol se desligue dele.

Quanto menos for a assistência nos jogos, menores ainda serão as possibilidades financeiras do corpo directivo e reduzidas as facilidades de exercício.

Se é necessário a aquisição de um elemento mais categorizado para a equipa, as dificuldades financeiras afastam desde logo a ideia de contracto e a equipa ficará então inferiorizada.

É necessário que os bons desportistas locais se juntem e voltem a presenciar os jogos, porque a sua presença no campo, além de contribuir para uma maior facilidade de exercício, mais brilho dará à partida.

Se assim for, o clube se tornará mais ou menos regular, emprestando aos adeptos mais sossego e mais confiança.

Visado pela Comissão de Censura

O MUNDO CIENTÍFICO DA LÃ

(Continuação do número 64)

Expansão dos ovinos na

Austrália

Vencida a crise trazida pela corrida do ouro, a criação ovina espalhou-se cada vez mais nas regiões montanhosas do leste da Austrália (estados de Nova Gales do Sul, Vitória e Queensland) nas regiões planas do sul (Austrália Meridional), nos planaltos da Austrália Ocidental e na ilha vizinha do continente, a Tasmânia. O território do norte é um grande deserto praticamente desabitado.

Em 1860 contavam-se já na Austrália mais de 20 milhões de ovinos. O número sobe a 40 milhões em 1870, 60 milhões em 1880 e atinge os 100 milhões em 1890. As grandes secas do fim do século passado reduzem, porém, consideravelmente a população ovina, que, em 1902, pouco mais conta do que 50 milhões de indivíduos.

Na Austrália, só uma região periférica é favorecida por chuvas abundantes. Toda a parte central da Austrália tem menos de 25 cm. de chuva por ano, e na maioria das regiões de criação o nível pluviométrico situa-se entre 25 e 50 cm. por ano. As secas continuadas, que por vezes se verificam, assumem aspectos catastróficos, pois provocaram a secagem das pastagens e condenam, por vezes, à morte, milhões de animais.

A grande bacia artésiana

A descoberta nos fins do século passado de uma enorme bacia artésiana, talvez o maior reservatório subterrâneo de água da Terra, que abrange quase toda a Queensland e grandes áreas da Nova Gales do Sul e da Austrália Meridional, permitiu minorar os efeitos das secas. Numerosos poços se escavaram, nestes três estados, para o fornecimento de água durante o período seco. A água destes poços tem alto conteúdo mineral, o que a torna imprópria para irrigação; é, no entanto, satisfatória para consumo humano e ovino.

A grande bacia tem hoje cerca de 4.000 poços, muitos deles com mais de 1.500 metros de profundidade. Alguns são artesianos, isto é, a água jorra acima do nível do terreno. A maioria são, porém, subartesianos e a água é trazida à superfície por meio de moinhos de vento. As altas torres de ferro dos moinhos fazem hoje parte integrante da paisagem do interior australiano.

A perfuração dos poços fica caríssima e requer, pois, avultados capitais, facto que tem também contribuído para a consoli-

dação do sistema latifundiário de exploração agrícola e ovina.

A exploração de água da grande bacia subterrânea facilitou a estabilização da exploração agrícola e da criação ovina e permitiu estender consideravelmente a área cultivada e, em muitas regiões, duplicar o armentio ovino. O número de ovinos começou, a partir do fim do século XIX, novamente a crescer e os 100 milhões foram novamente atingidos em 1925. Em 1941, a Austrália contava 125 milhões de animais. As grandes secas de 1944 e 1945 reduziram este número para cerca de 95 milhões. Depois da última guerra, porém, devido a um conjunto de circunstâncias favoráveis, o armentio ovino australiano tem-se elevado progressivamente e conta presentemente mais de 130 milhões de animais.

Os coelhos e a mixomatosis

Para este aumento muito contribuiu a alta procura da lã depois da 2.ª Guerra Mundial, coadjuvada por um conjunto de medidas tendentes a aumentar a área das pastagens. Destas, a mais geralmente conhecida é a inoculação de *mixomatosis* nos coelhos bravos, que permitiu destruir milhões e milhões destes roedores e recuperar para a pastagem dos ovinos extensas e valiosas áreas. Muitos e caros meios de luta se tinham usado antes, mas sem grande êxito. O coelho está já a ganhar imunidade ao vírus da *mixomatosis*, mas outros vírus se descobriram entretanto, capazes de continuar com êxito a campanha contra os terríveis roedores e limitá-los a áreas de menos importância.

O cacto e o cactoblastis

Outro aspecto da recuperação de áreas para pastagens é a luta contra o desenvolvimento do cacto mexicano, *prisklibri*, introduzido na Austrália em meados do século passado e que se estendeu entretanto a áreas consideráveis, assim transformadas em selva densa e inútil. A introdução das larvas do insecto *cactoblastis* conseguiu, porém, derrotar a expansão do perigoso cacto e recuperar extensas áreas para a pastagem.

As pastagens têm também sido desenvolvidas com a introdução de ervas e arbustos apropriados ao clima local, com a formação de pastagens artificiais, com o aumento da fertilidade das terras por uso de adubos apropriados e tratamento com traços de certos elementos como o cobre, o molibdénio, que aumentam a capacidade nutritiva das pastagens.

Aniversários

Secção dirigida por Carlos Quinta e Costa

Fazem anos no corrente mês, os nossos seguintes companheiros:

DIA 1 — Maria Céu Lamela Costa.

DIA 2 — Rosa Pereira Vale.

DIA 3 — José Pereira Cardoso e Maria Conceição Leite Pinto.

DIA 4 — Abílio Vilas Boas Cunha.

DIA 6 — Fernanda da Conceição Magalhães Leite, Maria Cecília Lopes Machado, José Ferreira Ribeiro, Rosa Alves Silva e Maria Assunção Marques Coutinho.

DIA 8 — Maria Conceição Monteiro.

DIA 9 — Rosa Pereira Lopes.

DIA 10 — Maria Angelina Jesus Vilas Boas, Maria Cândida A. Oliveira e Francisco Alves Costa.

DIA 12 — Teresa Jesus Magalhães Leite, Alberto Miranda Cunha e Maria Prazeres Sousa Silva.

DIA 13 — Maria Fátima Martins Vieira, Maria Noémia Santos Esteves, Maria Emília Leite Vilar e Maria Lúcia Pereira Ballester Crespo.

DIA 14 — Maria Isabel Paixão Amaral.

DIA 15 — Acácio Torres Carvalho, Francisca Sameiro Carvalho Costa e Manuel Pereira.

DIA 16 — Ana Celeste Pereira Rodrigues, Ana Ribeiro e Maria Duarte Lemos.

DIA 17 — Emília de Jesus, Rosa Maria Queirós dos Santos, António Costa e Paulo Gonçalves Rocha.

DIA 18 — Maria Graça Dores Ribeiro.

DIA 19 — Maria Carmo Moreira Gonçalves.

DIA 20 — Fernando Couto Ribeiro, Teresa Gomes Ribeiro e Maria Carolina Ferreira Lima.

DIA 21 — Alzira Cruz Araújo e Maria Correia Costa.

DIA 22 — Maria Gracinda Serra, Avelino Miranda Sousa, Gualdino Fernandes Azevedo e Paulo Barbosa Azevedo.

DIA 23 — Emília Araújo Figueiredo, Emília Barros Jesus Moreira e Idalina Valada Moreira.

DIA 24 — Mário Miguel Pimenta Lopes e Francisco Costa Pereira.

DIA 25 — Leonel Godinho Meira, Adelina Lopes Silva, Maria Assunção Ferreira, Engrácia Jesus Gomes Monteiro, Maria Nascimento Silva G. Costa, Prazeres Correia Costa e António Martins Moreira.

DIA 26 — Maria Conceição Sousa Figueiredo.

DIA 27 — Delfina Ramos Vieira, Maria Graça Gonçalves Terroso e Maria Domingues Abreu.

DIA 28 — José Maria Silva Teixeira, Maria Antonieta Dantas Correia, José Miranda Gomes e Cândida Pereira Silva.

DIA 29 — Angelina Gomes Santos.

DIA 30 — Maria Avelina Queirós Araújo e Júlia Prazeres Barbosa Teixeira.

A todos, os nossos parabéns.

O dingo e o canguru

Para aumentar o número de animais é preciso não só proteger e desenvolver as pastagens, como também proteger os próprios animais. Investigações sistemáticas sobre as doenças dos ovinos permitiram desenvolver vacinas e remédios apropriados. Outro aspecto é a luta contra os insectos parasitas ou que atacam o ovino. Outro inimigo dos animais é o cão selvagem (*dingo*), animal astuto, difícil de apanhar em ratoeiras. Fazem-se batidas de caça e abatem-se então em grande número, mas a protecção mais eficaz é dada por vedações de arame. Uma vedação deste tipo atinge já 300 quilómetros e pensa-se prolongá-la até 800 quilómetros, para proteger, pelo lado ocidental, as pastagens da Queensland, Nova Gales do Sul e Austrália Meridional.

O canguru não ataca os rebanhos; é, no entanto, nocivo na medida em que destrói as pastagens. Derruba também por vezes as vedações, o que permite a entrada dos cães selvagens.

Silos enormes

Durante as secas, por falta de pasto e de água, grande número de animais perece em várias regiões de grande densidade ovina da Queensland, onde o nível pluviométrico anual é já normalmente bastante baixo. Para acudir à alimentação dos ovinos em períodos de grandes secas, começam agora a construir-se silos enormes onde se podem armazenar quantidades de pastagem verde da ordem das 4.000 toneladas.

Por intensificação de todas estas medidas de defesa das pastagens e dos ovinos, os australianos esperam aumentar no futuro o seu armentio ovino para a cifra colossal de 200 milhões.

(Continua no próximo número)

As senhoras de bom gosto continuam a dar preferência às malhas

TEBE

Ao Janeiras

Das tradições populares de Barcelos

*As janeiras não se cantam
Nem os reis nem os fidalgos,
Só se cantam os lavradores
Por ser ano milhorano
Milhorano na saúde,
Descontado nos pecados,
Eu bem vi nossa Senhora
Nas varandas de Belém
Com seu filhinho nos braços
Que assim lhe parecia bem.
Este dia de janeiro
Por ser dia primeiro,
É de grandes nascimentos
Em que Deus passou tormentos
Tormentos p'ra nos salvar,
E seu sangue derramar.
Vamos dar as despedidas
Na cruz dum cruzado novo,
Saídas do ano velho,
Entradas do ano novo.
Ó meu menino Jesus
Não sei que vos farei.*

«Boletim Social da TEBE»

Por motivos alheios à nossa vontade o presente número do «Boletim» sai um pouco atrasado. Pedimos desculpa aos nossos leitores.

*Não tenho cama nem berço,
Nos braços vos criarei.
Voltai os olhos ó céu,
Lá vereis estar uma cruz,
Que tem cama e mais berço
Para o menino Jesus.
E o menino vai no berço,
Coberto c'um cobertor,
Os anjinhos vão cantando:
Louvado seja o Senhor.*

*Viva o patrão desta casa
Mil anos e um dia
Que tem hoje a festejar o Deus menino
Gente de tanta alegria.*

*Viva lá, Senhora Luísa,
Sapatinhos de veludo
Quando mete a mão n'algibeira
Tira dinheiro p'ra tudo.*

Secção Literária

O livro do momento

«O Doutor Jivago», de Boris Pasternok

O público estava ansioso pelo livro «O Doutor Jivago». Eis que nos surge nas montanhas das livrarias... A pouco e pouco parece esgotar-se. Todos querem saber o que se passou na União Soviética nestas últimas décadas.

Lendo-se este livro vive-se e sente-se o latejar daquele povo que nos foi dado conhecer através de Dostoiévski, Tolstoi, Tchekov, Ponchkin e Gorki. O silêncio imposto obrigou a traduzir várias obras para viver. Até que, em 1957, Milão edita «O Doutor Jivago», e a primeira edição começa a esgotar-se. Depressa atinge uma divulgação extraordinária, a história de «O Doutor Jivago» situa-se entre os anos de 1903 e 1929.

É acrescida de um Epílogo que a prolonga até quase nossos dias — esses dias em que (de acordo com as últimas palavras do romance), após as tormentas da Revolução e da Guerra, a «liberdade interior».

Todo o livro está escrito de molde a revelar ao mundo o seu verdadeiro mundo.

A luta entre «liberdade interior» e o seu mundo exterior colocam-no senão acima dos grandes escritores do seu país, como um dos mais esclarecidos destes últimos tempos.

Eis a razão do seu triunfo:

— O inconformismo a um ideal que sonhara diferente. A revolução tentara matar todo o valor intelectual da sua potencialidade criadora, mas ele venceu a própria revolução.

Bodas de Diamante dos Bombeiros Voluntários de Barcelos

É sempre com certo interesse e carinho que vivemos as tradicionais festas dos bombeiros.

Este ano, porém, tratava-se das suas bodas de diamante e como tal, a veneranda e benemérita instituição, recebeu no seu salão a visita de inúmeras embaixadas, que lhe quiseram testemunhar quanto a estimam.

Os festejos, já relatados nos vários jornais diários, atingiram um brilho desusado, e à noite, durante a ceia, vários oradores enalteceram o valor do bombeiro como sentinela vigilante das vidas e dos haveres.

No final da festa — como é já da tradição, organizou-se um baile que serviu para rematar tão simpática comemoração.

É assim se passou, num ambiente simpático, mais um dia de euforia desta prestimosa corporação.

A distribuição de lembranças às crianças filhas dos bombeiros

Dia 10

No passado dia 10, vésperas da comemoração das bodas de diamante da Associação humanitária dos Bombeiros Voluntários de



Manuel Pereira da Quinta Júnior
Dinâmico 1.º Comandante

Barcelos, os filhos dos bombeiros foram contemplados com significativas lembranças, gesto que calou fundo nas almas dos seus pais e de todos que a ela assistiram. Foi, de facto, uma lembrança oportuna, tanto mais que mereceu de toda a gente bem formada os mais justos e rasgados elogios.

Dia 11

Depois de uma sessão solene em que usou da palavra o rev. Dr. Abel Varzim a festa culminou com uma ceia de confraternização em que usaram da palavra vários oradores, pondo-se em destaque o muito que fez e o muito que é preciso fazer ainda.

O programa destas festas foi fielmente cumprido.



Mário Campos Henriques
Digníssimo Vice-Presidente da Direcção



Dr. Ferreira Gomes
Ilustre Presidente da Direcção

Como eles escrevem os livros

Por CRUZ MALPIQUE

« Só escreve demais quem não sabe bem o que quer dizer, pouco ou quase nada tem que dizer. Grande artista é o que dá à sua ideia a forma precisa, como túnica apenas discreta que lhe molde exactamente a nudez, antes para a denunciar do que para a esconder. O que sobra de tela, é imperfeição, se é sobejo ».

(Afrânio Peixoto, em *Discursos Acadêmicos*, 1907-1913, pág. 303. Publicações da Academia Brasileira, Rio, 1935).

« Coelho Neto levanta-se normalmente às 5 da manhã, senta-se a escrever às 6, trabalha até às 12, vai para o ducho frio, almoça, e às 3 da tarde recomeça, para só terminar quando se acendem na cidade as primeiras luzes ».

(João do Rio, *O Momento Literário*, pág. 50, Rio, s/d).

A par dos escritores que trabalham a qualquer hora do dia, existem aqueles que só de manhã são bem sucedidos, mas também não faltam os que só conseguem trabalhar a horas mortas, pela calada da noite, entre as dez e as duas da madrugada. Só então a caneta lhes gira eficientemente sobre o papel. Fora dessas horas, seria baldado o esforço de escrever, porque tudo redundaria em pura perda de tempo. Edmundo Jaloux é dos escritores que a todo o momento podem trabalhar. A questão está em esse momento aparecer: « Je travaille à n'importe quel moment; dès que j'ai un instant, tous sont également bons ».

Jaloux escreve numa secretária pouco maior que um livro aberto, e num papel que por pouco não é maior que a secretária. Em tempos idos, não se lançava a escrever um romance, sem plano definitivo. Agora, sabe donde parte, sabe aonde chega, mas abandonou o plano rígido, doutros tempos. Deixa-se conduzir pelas suas personagens, que se lhes impõem de maneira cada vez mais alucinante. Segundo ele, ser romancista é saber organizar o seu poder de alucinação. Já lhe tem acontecido escrever um capítulo quase sem despegar da caneta, empurrado pelos seus heróis.

Teófilo Braga punha duas fases na organização dos seus livros: primeiro, durante meses, amontoava materiais. Durante essa fase, andava a pé, regava as plantas do seu pequeno jardim... Depois, na segunda fase — os meses da escrita —, deixava de regar as plantas, passava à quase ininterrupta vida sedentária. Todas as suas energias eram então concentradas no labor literário. Passava a viver num outro mundo. Isto mesmo o dizia ele aos seus íntimos.

A par dos escritores que se marcam horários rígidos, e tomam o compromisso de todos os dias escreverem algumas linhas — *nihilus dies, sine linea* — outros há que só vão para a escrita, quando isto constitui para eles prazer irresistível. João Giraudoux confessa: « Je veux connaître le plaisir d'écrire, pas l'ennui ». E se

produz pouco — diz ele — é porque, em muitos casos, não tem nem caneta, nem tinta, nem escritório organizado... « Si je produis relativement peu, c'est que souvent je n'ai pas de plume, pas d'encre, pas de bureau organisé ». Em todo o caso não se lamenta. Acha que trabalhando três a quatro horas por mês, já tem margem para fazer muita coisa...

Fácil de contentar este João Giraudoux...

A par dos escritores que têm horário certinho, só a essas horas o espírito lhes dando faísca, outros há que aproveitam avaramente todos os momentos disponíveis, impelindo a sua obra para a frente, com mais uma página, com mais algumas linhas ou palavras, ou com uma correção, traduzida em rasura ou acrescento. Maurício Bedel é dessa força: « dans la journée, sitôt que j'ai un instant j'y reviens: si je puis trouver une phrase ou deux lignes, ce n'est déjà pas mal ».

A caça ao tema — antes de mais nada — eis a preocupação da maior parte dos escritores que não confiam no improviso, nem na inspiração súbita, em frente da folha de papel em branco e em... bruto. Achado o tema, a coisa depois é fácil e divertida, dizem uns. Assim o afirma, por exemplo, Maurício Donnay: « Une fois que j'ai le sujet, c'est extrêmement facile et amusant; il devient ma pensée constante, toute mon existence antérieure et actuelle y collabore ». (É este escritor, também, quem diz que o seu tema há-de ser forçosamente colhido na realidade. Se o não for, já não se sente tranquilo). Outros, porém, mesmo encontrado o tema, coitados, têm que fazer homéricos esforços para o desentranhar de toda a medula que nele se contém. A tarefa das letras, para alguns escritores, é bem mais fatigante do que a de acarretar pedra para o sexagésimo piso de um fura-céus. Aquilo que, aos olhos de muitos leitores, se afigura tão espontâneo como a água manando da bica da fonte, é, em bastantes casos, o produto do mais laborioso dos partos.

Lembramos, por exemplo, um Marcelo Proust que levava tempo

infinito, primeiro que desse por concluso o trabalho das suas páginas. O desgraçado sofria verdadeiras torturas, antes de dar à luz os filhos do seu espírito — os livros.

Confissão dele:

« Mes corrections jusqu'ici (j'espère que cela ne continuera pas) ne sont pas des corrections. Il ne reste pas une ligne de 20 du texte primitif (remplacé d'ailleurs par une autre). C'est rayé, corrigé dans toutes les parties blanches que je peux trouver, et je colle des papiers en haut, en bas, à droite, à gauche, etc... ».

Insatisfação aguda é o que tudo isto representa. Ou porque a forma não estava perfeita, ou porque o fundo não era suficientemente verídico. E aí do artista que não sofra dessa insatisfação!

*

Ao lado dos escritores que apenas se voltam para um tema, existem aqueles que são antenas vibráteis para todos os quadrantes. E se os há que só sentadinhos à mesa, dão o pontapé de saída no jogo da escrita, outros há que precisam de dar à perna. Dir-se-ia que a sua literatura é (salvo seja!) de inspiração pedestre...

*

Há escritores que, enquanto escrevem em nada mais pensam, e se um dia em vez de vinte e quatro horas tivesse quarenta e oito, as quarenta e oito empregariam eles a escrever. Grávidos da sua ideia, precisam urgentemente de se parturejar dela. Mas, depois de concluída a obra, precisam de longos intervalos, gastos na observação social, para que os próximos romances nada tenham de artificiais. A verosimilhança é a sua preocupação, e essa só pode conseguir-se à custa da observação atenta da realidade.

Francisco Carco é dessa força. É ele também que não consegue dar a penada de saída, sem ter composta, *in mente*, a primeira frase. É esta primeira frase que lhe dá o impulso para poder prosseguir com êxito. Quando escreve, precisa de ouvir música. É capaz de estar ouvindo, durante horas, o *Bolero de Ravel* ou a *Sinfonia Pastoral*. Essa música é, para ele, um ritmo essencial ao bom funcionamento das suas faculdades criadoras. A par da escrita, tem também o jeito de ir garatujando figuras geométricas nas margens do papel em que está escrevendo o seu romance... Romance para o qual não traça rígido plano prévio, deixando-se levar pela lógica das suas personagens.

Concluído o livro, dá-se a dactilografar, e é depois sobre o exemplar passado à máquina que ele o refaz. E começa a campanha da perfeição.

*

O desejo de alguns romancistas é descongestionarem-se, na vertigem de poucos dias, e de

um só jacto, da efabulação que lhes enche o espírito.

Depois, porém, é que são elas! Levam anos a ajeitar esse primeiro feto, ao padrão ideal. Precisam de pôr o esboço em pé rapidamente, para, a seguir, com longas demoras, se irem aproximando da obra « definitiva ». Esses tais gostam da facilidade no primeiro borrão. Mas depois — se a facilidade os favorecesse — parecer-lhes-ia que era rateeira que ela lhes quereria armar... André Chamson, por exemplo, confessa: « L'écrivain doit chercher sas lignes de résistance, et si je sentais venir la facilité, je la refuserais ».

Este mesmo André Chamson, autor dos *Hommes de la Route* e do *Crime des justes*, ao fazer o seu primeiro borrão, é a lápis que o faz, para ir mais depressa. Reescreve depois o borrão. Agora manda-o dactilografar. E não se fica por aqui. Sobre as páginas dactilografadas, recomeça a última redacção, rasura aqui, acrescenta além, numa insatisfação dolorosa. Acabou? Ainda não. Tantas vezes volta às páginas quantas as necessárias, para que não apareça a feia sombra de uma rasura: « je ne peux supporter une page rasurée, et comme je rature beaucoup, je suis obligé de recopier constamment ».

Dissemos, mais atrás, que certos romancistas precisam de se descongestionar vertiginosamente do fundamental da fábula que lhes enche a cabeça, para depois entrarem na fase dos retoques que podem levar anos. Certos há, porém, que, primeiro, durante anos, vão pensando no romance. E, pensando sempre, um dia chega em que dão o basta! Atiram-se, então, ao seu romance, como Santiago aos mouros, e o trabalhinho sai-lhes de uma assentada, sem uma hesitação, sem uma rasura.

Definitivo? Quem pensa nisso! O que não conseguem é corrigir uma frase, ou mudar uma palavra. Reescrevem inteiramente a obra, decantam-na cinco ou seis vezes, para conseguirem maior pureza de expressão, maior exactidão. A alteração de um pormenor leva-os a remodelar o todo. Extravagância, pois não? Mas, no mundo dos escritores, há de tudo. Jacques Cardonne, autor do *Epithadame*, entra nessa categoria de escritores que, para entregarem trezentas páginas *limpinhas* ao copista, tiveram de escrever previamente três mil!...

*

Certos escritores confessam que precisam de escrever os seus livros sem ordem — porque se pusessem ordem na emoção, lá se ia tudo por água abaixo...

Julião Benda — o famoso autor de *La Trahison des Cleres* — zomba dos que assim se confessam, e quer que se realize o aparente paradoxo *d'ordonner son émotion, sans la perdre*. Quer o romantismo clarificado. O método no delírio. Nada de sentimentos à toa. O dia-

(Continua no próximo número)

O Sonho do Infante

I ACTO

Numa sala do paço, ou num jardim, os três príncipes, ainda crianças, brincam despreocupadamente, jogando com uma bola.

INFANTE D. DUARTE
» D. PEDRO
» D. HENRIQUE

D. Duarte

Em breve os nossos folguedos de meninos serão trocados por tarefas mais sérias.

D. Pedro

Assim será, mas nós temos já grande prazer nessas ocupações e vós, então, pareceis um velho nos vossos sábios conselhos e nas horas que dedicais à leitura e à meditação.

D. Henrique

Muito temos estudado e lido, mas afinal nada sabemos do mundo em que vivemos. As únicas verdades, em que creio, são as da nossa Santa Religião! De resto tudo é vago! Todos os antigos conhecimentos andam envoltos de lendas e mistérios...

D. Duarte

O meu grande anseio é saber, com certeza, onde deve acabar a misericórdia e começar a justiça, pois o governo dos povos não consente espíritos tíbios ou crueis.

D. Pedro (para D. Duarte)

Andais sempre recolhido, creio bem que debruçado sobre vós mesmo, na ânsia de conhecer e dominar o que pensais e sentis.

D. Pedro (para D. Henrique)

Em vós, porém, eu surpreendo, por vezes, o olhar distante, perdido, como que vagueando por paragens remotas...

D. Henrique

Assim é! Domina-me a ânsia de desvendar os mistérios e as lendas, e, como um nauta louco, deixar-me levar pelas ondas bravias dum mar encapelado!

D. Duarte

Tanto vos perturba a voz do mar que já vos tenho observado, horas esquecidas, parado a escutá-lo...

D. Henrique (agarrando a bola)

Olhai! A terra é como esta pela redonda, mas imensa!... Nela há, certamente, vastos continentes e grandes oceanos!

Para além do nosso reino, outros há, pois deles nos falam os historiadores da velha Grécia e Roma; deles nos chegam rumores através dos marinheiros de Veneza e de Génova e dos mercadores da Mauritânia.

Eu tenho pois a certeza que, para lá destas águas, há ilhas formosas e há terras férteis com florestas impenetráveis. Nesses reinos longínquos há raças desconhecidas e animais que nunca vimos!...

Eu sinto na brisa do mar perfumes estranhos e escuto ecos que me agitam...

D. Duarte

Não quereis certamente fazer-vos um aventureiro, soltar as velas duma nau e correr ao encontro dessas terras, que talvez existam, apenas, na vossa imaginação!

VESPERAL

Se eu te pintasse, posta na tardinha,
Pintava-te num fundo cor de olaia,
— Na mão suspensa, nessa mão que é minha,
O lenço junto acompanhando a saia!

Vejo-te assim, ó asa de andorinha,
Em ar de infanta que perdeu a aia,
Envolta numa luz que te acarinha,
— Na luz que desfalece e que desmaia!

Com teu encanto os dias me adasques,
Linda menina ingénua de Velasquez
A flutuar num mar de seda e renda.

Deixa cair dos lábios de medronho
A perfumada voz do nosso sonho,
Mas tão baixinho que só eu entenda.

ANTÓNIO SARDINHA

D. Henrique

Creio que não! Não tenho o direito de desperdiçar a minha vida, porque um príncipe pertence à sua pátria e tenho de servir Portugal!

Acalento porém um sonho! Será uma fantasia, um pensamento louco, ou sabe-o Deus Nosso Senhor, uma previsão da verdade!...

D. Pedro

Sempre o tenho pressentido, pois adivinho na energia com que se vinca o vosso rosto, que premeditais, com grandes obras, servir a nossa Terra.

D. Henrique

Às vezes penso que hei-de recolher-me, um dia, entre livros e sábios, num ermo junto ao mar, para lhe arrancar segredos e desfiar mistérios, se Deus e o nosso Rei e Pai o consentir e se for para grandeza e glória do Reino.

D. Pedro

Jamais algum ser humano se atreveu a navegar o Oceano Atlântico a que os árabes, grandes navegantes de Gibraltar aos Dardanelos, do Mar Vermelho e do Oceano Índico, chamam « verde mar das trevas » e « deserto movediço de ventos incertos ».

D. Henrique

Com estudos sérios e persistência hei-de varrer as brumas que nos ocultam os horizontes longínquos...

Portugal irá ao « serviço de Deus » dar « novos mundos ao mundo ».

D. Duarte

As horas passaram. É tempo de recolher. Mais parecemos, esta tarde, donzelas em devaneios que moços a quem o exercício do corpo tão necessário é para as lides de cavaleiros.

D. Henrique

Praza a Deus que breve chegue a hora em que possamos receber, com honra, as nossas espadas... e com elas rasgar novos caminhos à gente lusíada!...